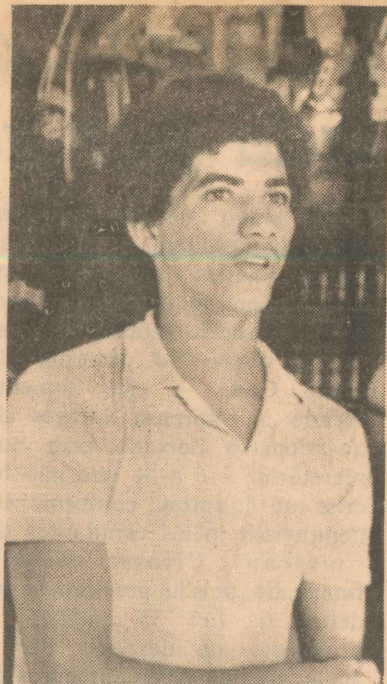
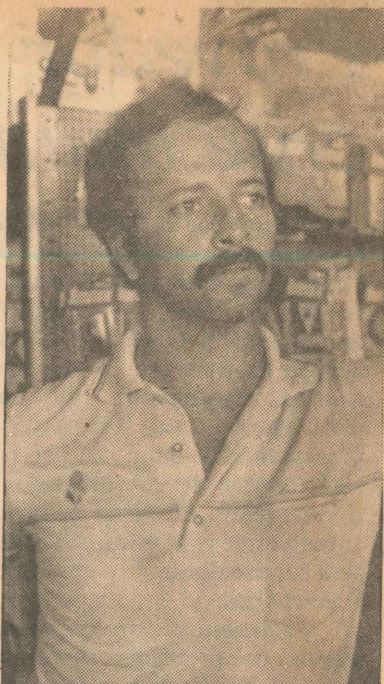




Vicente, medo nos bares



José, polícia à porta



Para Guilherme, melhorou



Com um crescimento populacional 6,5 vezes superior à média brasileira, as favelas brotam em toda parte

Serra: planos guardados e problemas crescentes

Texto José Maria Batista
Fotos — José Magnago

Carência de mil salas de aulas, aumento do índice de assaltos em quase 1000% nos balneários, falta de água potável, saneamento, calçamento e transporte coletivo para atender a uma demanda de 50 mil pessoas que, anualmente, correm para a região atraídas pelo "eldorado capixaba" são os problemas com os quais a Serra convive atualmente. Enfrentando um crescimento demográfico proporcional seis vezes e meia superior à média do Brasil e três vezes superior ao de São Paulo, o município está praticamente sem saída a curto prazo. E tanto o governo municipal quanto o estadual não sabem ainda como resolver o problema. Mas, planos não faltam.

Só que inviáveis, conforme considerou o próprio governador Eurico Rezende quando inquirido sobre as alternativas para acompanhar com soluções o crescimento, até agora desordenado, do município serrano. Para ele, a Grande Vitória está se transformando em um "paquiderme urbano" e em termos reais existe apenas um convênio com o programa de mobilização energética e com a Empresa Brasileira de Transporte Urbano, EBTU, por sinal mais nebuloso ainda. Também nebuloso é o Plano de

em parte o interior do Estado, provocando a migração de grande parte da população rural. Mas havia um erro. O governo federal, segundo as reclamações do governador Eurico Rezende, deixou a cargo do Estado toda a infraestrutura para suporte das grandes obras projetadas e que são projetos caríssimos. O Estado não tem condições financeiras de desenvolvê-los. E a isso ele chamou de "imprevidência dos governos federais anteriores, pois os grandes projetos deviam vir, mas com estudos de compatibilização avaliando efeitos e a participação da União nos problemas posteriores. E isso não foi feito. E agora o Estado tem que dar tudo. Os financiamentos concedidos deviam prever a alocação de recursos para enfrentar os problemas sociais que adviriam deles".

NÃO HÁ VERBAS

E o resultado é o que se observa hoje. Invasões de terras, centenas de famílias sem as mínimas condições de higiene residindo em barracos onde não há água, luz, saneamento e até mesmo postos de saúde, escolas ou farmácias nas proximidades. Na Serra, a situação é grave e o prefeito José Maria Feu Rosa tem também planos, no papel, para resolver os problemas. Mas precisa de verbas a curto prazo e reconhece que alguns dos grandes



Feu Rosa precisa construir mais mil salas de aulas

Vitória no momento. Mas, otimismo, apesar da crise, não falta.

tória, Cariacica e Viana, idem. Guarapari briga por Cr\$ 400 milhões para melhorar o centro da cidade sem falar em suas fa-

Com 14 assaltos por dia,

Jacaraípe não é mais aquela

"A média de assaltos aqui atualmente é de dez a 14 por dia", diz um policial no Posto da Praia de Jacaraípe, enquanto um dos moradores, o pescador José Bernardo, completa que nos fins de semana ninguém mais pode deixar a filha sair sozinha. São duas situações novas para o balneário de Jacaraípe, considerado um dos mais aprazíveis da Grande Vitória e vivendo atualmente o drama do crescimento. Uma empreiteira, a Andrade Valadares, de Belo Horizonte, vai trabalhar no local durante 18 meses construindo um conjunto habitacional para com 2.100 apartamentos.

Há quatro meses, com a chegada dos primeiros 500 operários, a vida da antiga aldeia de pescadores transformada em balneário mudou. Acostumada com o movimento dos turistas no verão, a praia de Jacaraípe foi agora invadida pelos "peões" operários que fazem o chamado "trecho" na construção civil. Outros 600 estão sendo aguardados aumentando a apreensão de comerciantes e da própria população, pois desde o final do ano, embora a média de crimes de morte não tenha aumentado, a intranquilidade é bem maior. Pais reclamam que não podem deixar as filhas sozinhas e o

comerciante, Guilherme Pádua, proprietário da Padaria e Auto-serviço Beira-Rio, não vê reflexos na chegada dos 500 operários. "Ainda não mudou nada, continuamos vendendo do mesmo jeito mas acho que vai melhorar. E não sei de confusões que eles tenham provocado. Para mim está tudo bem e acho que vai ser bom não é?"

REGIME DURO

Os operários, a maioria de fora, acham que apenas se divertem e já estão acostumados com os problemas que surgem. Em sua maioria são solteiros, de baixo nível cultural e que trabalham entre dez e onze horas por dia. No caso da Andrade Valadares, eles têm um regime duro, mesmo assim reclamam pouco, apesar de simples faro de suspenderem o serviço por alguns minutos para beber água provoque protestos dos encarregados. Dois deles, apesar das proibições de falar com estranhos e das dificuldades de se entrar na obra, cercada de arame farpado, falaram alguma coisa sobre o sistema de vida que levam. E fizeram algumas reclamações.

Não se identificaram, pois seria "demissão na certa". Abrigados em alojamentos que

transformando em um "paquiderme urbano" e em termos reais existe apenas um convênio com o programa de mobilização energética e com a Empresa Brasileira de Transporte Urbano, EBTU, por sinal mais nebuloso ainda. Também nebuloso é o Plano de Desenvolvimento Integrado da Grande Vitória, elaborado pela ex-Fundação Jones dos Santos Neves e guardado, como outros, nos arquivos do atual instituto que substituiu a fundação.

CARENCIAS

Para o governador Eurico Rezende o problema da Serra é grave, mas não deve ser olhado isoladamente. "As dificuldades serão permanentes em toda a Grande Vitória", explicou, destacando o fato de Vitória estar espremida entre o mar e a montanha, o que, obrigatoriamente, força a expansão em direção a Vila Velha e Serra. A opção por Vila Velha somente será mais viável quando a terceira ponte estiver construída — hipotese que o governador não descartou em sua fala —, na Serra ela já está acontecendo. De acordo ainda com o governador Eurico Rezende, um dos fatores de crescimento acelerado e acima dos parâmetros normais do país é provocado pela BR-101, eixo de deslocamento demográfico do norte para o sul.

Vitória é, no caso, um ponto de passagem, mas em função dos grandes projetos, parte da população em deslocamento acaba sendo atraída pelo "eldorado industrial" anunciado através dos investimentos empresariais. A mão-de-obra, contratada ou não, acaba ficando na região, criando, segundo ainda o governador Eurico Rezende, os problemas urbanos e sociais existentes. Para ele, o grande erro que acarretou a situação atual deve ser atribuído ao governo federal. Existe, na verdade, um Plano de Desenvolvimento Integrado para a Microrregião da Grande Vitória, mas os recursos para tal finalidade são escassos.

Na verdade, o Espírito Santo não tem como suportar os efeitos de sua própria propaganda. Atraídos pelas promessas de emprego dos grandes projetos, a Grande Vitória começou a receber levas de mineiros, baianos e do próprio interior do Estado. Uma das causas — conforme crença do governador Eurico Rezende, é o estímulo à agricultura e, principalmente, em função da política açucareira, que prejudicou

ou farmácias nas proximidades. Na Serra, a situação é grave e o prefeito José Maria Feu Rosa tem também planos, no papel, para resolver os problemas. Mas precisa de verbas a curto prazo e reconhece que alguns dos grandes males do município estão com os remédios encaminhados, mas outros, como educação, saneamento e segurança ainda não saíram da fase embrionária.

O mais desalentador nisso tudo é que se verifica um total desconhecimento da situação real do problema por parte das autoridades municipais e estaduais. Não existe, no momento, condições de determinar o volume da migração verificada na Grande Vitória. O Ministério do Interior elaborou um programa de nível nacional para determinar o movimento migratório da população brasileira, e nele estava incluído o ES. A Sebs — Secretaria do Bem Estar Social — realizava a pesquisa e atendimento dentro desse programa. Mas admite que ele não foi realmente um sucesso. Faltaram verbas.

Hoje o programa está dividido com a Coordenadoria do Planejamento, que trabalha na pesquisa de migrantes desde agosto do ano passado, mas que somente no mês de abril conseguiu ordenar o serviço e, assim, catalogar, somente naquele mês, 1.700 migrantes que se dirigiram especificamente para o município da Serra. Mas ela não possui ainda números reais e somente depois de junho ou julho é que poderá dimensionar realmente o movimento populacional da Grande Vitória. Os números da Sebs, por força de sua própria estrutura, são falhos. Falam em dezenas, enquanto o próprio governador estima que cheguem pelo menos 50 mil pessoas por ano para a Grande Vitória.

Números altos, evidentemente. Mas tão altos como os mencionados pelo prefeito da Serra, José Maria Feu Rosa, que fala em um crescimento de 374,65 por cento do município nos últimos anos. E acusa, inclusive, a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de falhar ao determinar um crescimento para o município de 16,9 por cento, maior até do que o de Rondônia — onde se processa um dos maiores processos migratórios do país, calculado em torno de 15 por cento. O certo é que o governo imagina mas não dimensiona o crescimento e os problemas existentes na Grande

Feu Rosa precisa construir mais mil salas de aulas

Vitória no momento. Mas, otimismo, apesar da crise, não falta.

POR ENQUANTO, MUITOS PLANOS

O prefeito Feu Rosa, por exemplo, depois de reclamar da necessidade de escolas para 50 mil crianças, precisando em torno de mil salas de aulas, acredita que o município deva receber em 1982 uma média de 100 mil pessoas/ano. E lembra, com orgulho, ter sido o primeiro a implantar o projeto Cura no ES. Admite que o problema maior é na área de educação, que estará deficitária nos próximos três anos. No aspecto de saúde ele entende que a coisa vai bem, com a criação de um pronto-socorro e o surgimento de um centro de saúde. Além da promessa do hospital de Carapina, que tem sido badalado, anunciado mas nunca construído — através do conhecido "convênio alemão".

Para ele, o saneamento básico não será problema, pois há planos da Cesan para investimentos da ordem de Cr\$ 2,8 bilhões de cruzeiros na região. E que espera sejam suficientes para levar redes de esgotos pluviais e sanitários a bairros como Vista da Serra, que hoje sentem o problema, e outros que surgiram da necessidade da população de baixa renda. Esta, sem apoio, invadiu áreas fazendo surgir bairros sem infra-estrutura como o "Cantinho do Céu", "Sossego" e "Concheiras", este último um grande conglomerado humano. Feu Rosa reconhece que terá problemas com o transporte coletivo que hoje já é deficiente e que a cada dia piora. Tem diversas sugestões, mas nenhuma definição. Sobre segurança, ele admite que também a coisa vai se complicar, mas resume tudo afirmando que existe um estudo sobre o assunto, que já foi encaminhado ao governo federal, onde estão descritos todos os problemas que o crescimento desordenado da Serra está provocando, e as dificuldades futuras.

SERRA NÃO PARA

O prefeito da Serra espera ajuda federal, tanto que esteve em Brasília na semana passada tentando obter recursos para seus projetos. Mas ocorre que o prefeito de Vila Velha também precisa de recursos federais. Os de Vi-

tória, Cariacica e Viana, idem. Guarapari briga por Cr\$ 400 milhões para melhorar o centro da cidade, sem falar em suas favelas, sistema de atendimento a distritos, esgotos, água e até mesmo uma infra-estrutura de turismo. E cobrindo tudo isso, o governo estadual está sem dinheiro para pagar ao funcionalismo, construir a terceira ponte, concluir a segunda e até mesmo para resolver problemas menores como crises na Santa Casa, asfaltamento do acesso da BR-262 e reparar estradas do interior.

Nos próximos três anos, segundo os cálculos de José Maria Feu Rosa, a Serra terá mais 300 mil habitantes e 60 mil habitações. A continuar no pique atual, o número de favelas será multiplicado. A situação nos balneários é crítica, ele mesmo admite. E para tudo isso ele espera ajuda federal, pois em um contato rápido com o presidente da CST, Arthur Carlos Gerhardt Santos, quando reclamou da leva de "peões" que está chegando, e da necessidade da CST em ajudar socialmente o município, teve como resposta a explicação de que pelo menos na Serra estavam sendo gerados impostos, enquanto nas demais cidades da Grande Vitória o crescimento era apenas humano. Feu Rosa terá dificuldades para conseguir ajuda federal. E seu Plano Diretor Urbano, para o município, que poderia tentar minimizar a situação, ganhou o mesmo local que outros projetos semelhantes, como o PDU de Vitória: as pilhas de projetos em "estudos" das atuais administrações.

O quadro na Grande Vitória não é muito animador. O Espírito Santo teve um crescimento inferior ao do Brasil. Enquanto a taxa aqui foi de 2,31 por cento, no restante do país foi de 2,47 por cento. Mas existem variações dentro do Estado, segundo os dados fornecidos pelo IBGE. Assim, enquanto a Serra cresceu 16 por cento, um dos mais altos índices do país, Viana cresceu 0,3 por cento, Cariacica, 6,4 por cento, Guarapari e Piúma 4 por cento e Aracruz 3 por cento. Todos os municípios sob o impacto dos grandes projetos programados, conforme admitiu o próprio governador, sem um dimensionamento para os problemas sociais que advirão no futuro.

aumentando a apreensão de comerciantes e da própria população, pois desde o final do ano, embora a média de crimes de morte não tenha aumentado, a intranquilidade é bem maior. Pais reclamam que não podem deixar as filhas sozinhas e o volume de prisões por embriaguez e brigas no meio da rua aumentou.

Consequentemente, cresceu também o número de assaltos e arrombamentos a residências. É comum agora encontrar-se durante o dia em pleno meio de semana de três a cinco queixas de roubo na subdelegacia. Veículos são arrombados durante o dia. A polícia não acredita que sejam praticados por "peões" (para esses ficam as brigas e problemas com pais preocupados com a reputação das filhas). Mas atribui à existência da obra o aumento da criminalidade. E explica: junto com os peões trabalhadores chegam outros elementos, desclassificados que se aproveitam da situação. Confundindo-se com os estranhos e trabalhadores aproveitam para saquear o local.

E Jacaraípe que até o ano passado vivia a tranquilidade de uma aldeia de pesca do litoral capixaba, em pouco mais de seis meses perdeu o sossego. Nos bares de maior frequência à noite, como o restaurante e boite Corsário, é necessária a presença de um segurança e, no final de semana, uma viatura da Rádio Patrulha dá plantão quase permanente no local. Um grupo de "peões" embrigados, conforme relata o proprietário Vicente, um espanhol radicado no Brasil, já tentou quebrar o bar e prometeu voltar. Ele ressalva que nem todo mundo tem o mesmo comportamento e destaca que entre os empregados da Andrade Valadares existe muita gente boa, já conhecida da casa.

Idênticas reclamações são feitas pelos garçons de outros bares, mas existem também os que ainda não sentiram o drama. Um deles é José Quirino de Souza, primo da proprietária do restaurante das Gerais, que usa música eletrônica. Ele diz que no interior do estabelecimento nunca houve problemas, mas eles pediram que uma Rádio Patrulha fizesse uma ronda intensiva pelas imediações — nas ruas a confusão é muito grande. Ele acha que os problemas com a chegada dos operários da Andrade Valadares teriam que surgir mesmo, como no verão, mas destaca que o comércio melhorou. Já um outro

arame farpado, falaram alguma coisa sobre o sistema de vida que levam. E fizeram algumas reclamações.

Não se identificaram, pois seria "demissão na certa". A-brigados em alojamentos que recebem até dez pessoas em camas de campanha, eles se ressentem especialmente da qualidade da água e da alimentação. A primeira, tanto para a higiene pessoal como para o consumo, é recolhida na lagoa de Jacaraípe, sem nenhum tratamento, conforme afirmaram, enquanto a comida é de má qualidade. Segundo eles, a comida poderia ser melhorada, pois era preferível até que não houvesse carne, mas com um legume melhor preparado, bem como o restante dos alimentos mais cozidos. Mas não têm a quem reclamar. Quem discute é despedido sumariamente. O engenheiro-chefe da obra, Ivan Raimundo de Souza, não quis falar muito. Disse que a empresa não tem nada a ver com os problemas externos de seus empregados, pois não pode vigiá-los, mas garante que durante o expediente a disciplina é rígida.

A Andrade Valadares permanecerá 18 meses em Jacaraípe, conforme o plano inicial. Nos próximos dias mais 500 operários, na sua maioria de fora, estarão chegando. Os problemas que Jacaraípe já enfrenta serão inevitáveis. A segurança do balneário é a mais precária possível. Três policiais apenas e o delegado Antonio Carlos. Localizada a cerca de dois quilômetros do centro da cidade, sem rádio, telefone e apenas um veículo, a delegacia pouco pode fazer para conter o índice de assaltos e a própria violência que está modificando os hábitos dos pescadores de Jacaraípe.

"Quando a polícia chega — explica José Bernardo, um dos pescadores preocupados com o atual movimento da praia, já é tarde. Quem tinha que matar já matou e sumiu e quem tinha que brigar ou fazer qualquer besteira já fez. E não é culpa dos policiais não, pois eles não têm condições, não podem fazer nada". No entender dele e de outros moradores, uma das providências mais urgentes para Jacaraípe e os próprios policiais ali lotados admitem, é o aumento do efetivo policial e um policiamento ostensivo mais intenso nos finais de semana. Com isso eles acreditam que os problemas que estão surgindo sejam minimizados.